

**DA EQUIVALÊNCIA FORMAL À EQUIVALÊNCIA DINÂMICA:
UM ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE A BÍBLIA ALMEIDA CORRIGIDA, REVISADA E FIEL
E A NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE**

Francisco de Assis Florencio (UERJ)
ff017066@gmail.com

RESUMO

O nosso trabalho tem por objetivo fazer um estudo comparativo entre a tradução da Bíblia Almeida corrigida, revisada e fiel (ACRF) e a nova tradução na linguagem de hoje (NTLH). Para tanto, selecionamos, a título de cotejo, a “Parábola do filho pródigo” (Lucas 15.11-32). A ACRF é uma versão bíblica baseada no *Textus Receptus* e, assim como este, segue a tradução por equivalência formal em oposição à NTLH, que segue a tradução por equivalência dinâmica. Este tipo de tradução se iniciou na década de 1960 em espanhol com a *Versión Popular* e, em língua inglesa, com a *Today's English Version*. Em nossa língua, o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* tornou-se realidade em 1973 e, desde então, vem sofrendo revisões, resultando na NTLH. O nosso estudo pretende explorar tanto as diferenças entre o vocabulário e a linguagem das duas versões, quanto o tipo de tradução presente em cada uma delas, com destaque para a tradução por equivalência dinâmica (NIDA).

Palavras-chave: Nova tradução. Linguagem de hoje.
Equivalência dinâmica. Tradução bíblica.

1. Introdução

Há séculos o texto bíblico vem sendo traduzido. A primeira grande tradução do Velho Testamento foi a tradução para o grego dos livros da Bíblia hebraica, realizada por setenta e dois anciãos judeus, convidados exclusivamente para esta tarefa pelo rei egípcio Ptolomeu II Filadelfo. O desejo do monarca era ter em sua biblioteca uma cópia da renomada Torá judaica. Desses anciãos é que vem o título da versão produzida: *Septuaginta* ou em algarismo romano LXX. Na realidade, essa tradução foi produzida por estudiosos judeus de Alexandria, ao longo dos séculos III e II a.C, aproximadamente. Ela se tornou popular não apenas em Alexandria, mas também em todas as áreas onde havia comunidades de judeus falantes da língua de Alexandre. Até o terceiro século d.C, esta era a situação do texto do VT: a Igreja cristão oriental tinha, como versão oficial, a *Septuaginta*, os judeus já a consideravam inferior ao texto hebraico e a Igreja ocidental possuía a *Vetus Latina*, cujo texto era oriundo da *Septuaginta*. No século IV, o papa Dâmaso encarrega São Jerônimo de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

fazer a revisão da *Vetus Latina*. A sua revisão se iniciou com o livro de Salmos, o que veio a dar origem ao *Psalterium Romanum*, que foi usado na liturgia romana até o século XVI e até hoje é usado na Igreja de São Pedro. Decide, então, para se aprofundar em seus estudos dos manuscritos, deixar Roma e partir para a Palestina. Para tanto, ele não só se aprofundou na língua original do Velho Testamento, mas foi também o primeiro ocidental a traduzir o texto veterotestamentário diretamente do hebraico para o latim. Depois de compilada, porém, a tradução de Jerônimo não tomou, de imediato, o lugar da *Vetus Latina*. As duas passaram a caminhar lado a lado até o século VI, vindo aquela, por fim, a prevalecer no século VII. O nome *Vulgata*, porém, só veio a aparecer no século XIII, com a *editio Vulgata*. Com certeza, essa designação remonta ao tempo da Septuaginta e ao fato de esta usar o grego κοινῆ. Essas duas versões, bem como as traduções que se seguiram, priorizaram uma tradução bem formal e literal. Só apenas no século XX, essa linha tradicional de tradução foi quebrada e isso só foi possível graças ao advento dos estudos linguísticos e de sua aplicação ao texto bíblico. O principal responsável por essa transformação foi o linguista e teólogo americano Eugene Albert Nida. Preocupado em levar à Bíblia a todos os povos, ele desenvolveu a teoria da tradução por equivalência dinâmica e assim a explicou em sua obra *The Theory and Practice of Translation*: “qualidade de uma tradução em que a mensagem do texto original é transportada de tal maneira para a língua receptora que a resposta do receptor é essencialmente igual àquela dos receptores originais” (NIDA & TABER, 1982, p. 200). Ao preterir a forma, ele deixa claro que a sua preocupação primeira é a mensagem e a maneira como ela chegará ao receptor, sendo, segundo ele, a equivalência dinâmica o caminho mais curto e objetivo de levar a mensagem de Deus a todos os povos, conforme ele mesmo diz:

Para produzir uma mensagem equivalente, uma que seja dinamicamente equivalente e que se ajuste ao canal do decodificador ... é necessário “alongar a mensagem, construindo-a com a necessária redundância, de modo a torná-la significativa de maneira equivalente. (NIDA, 1964, p. 13, *apud* RODRIGUES, 2000, p. 65)

Assim, para que a mensagem possa ser corretamente passada ao falante que se quer alcançar, Eugene Albert Nida traça alguns passos que devem ser seguidos pelo tradutor: a equivalência dinâmica deve prevalecer sobre a correspondência formal; a prioridade da consistência contextual deve sobrepujar a consistência verbal; deve-se, ainda, priorizar as categorias semânticas em detrimento das classes gramaticais.

Ao abordarmos este último passo, percebemos que, enquanto as versões por equivalência formal traduzem os vocábulos segundo as dez classes de palavras, conforme apresentadas em gramáticas tradicionais, na nova tradução na linguagem de hoje (NTLH), eles são construídos e apresentados segundo a filosofia da equivalência dinâmica, sendo, por isso, divididos em quatro categorias: Objetos, também chamados de seres ou entes; acontecimentos ou eventos; qualidades e relações. As palavras-objeto englobam os substantivos e os pronomes; as palavras-evento, por denotarem ações, correspondem aos verbos; as palavras-entidades abstratas exercem o papel que caberia aos adjetivos e aos advérbios; já as “relações” têm, por equivalentes, as conjunções e as preposições. Assim, do ponto de vista semântico, palavras que, em termos gramaticais, são classificadas como substantivos podem funcionar, a rigor, como verbos, ao denotarem uma ação, como acontece com os seguintes exemplos: “a vontade de Deus”; “a criação do mundo” e “filhos da desobediência”. Aqui, as palavras-objeto regidas pela preposição “de” funcionam como palavras-evento: “Deus *quer*”, “*cria* o mundo” e “filhos que *desobedecem*”.

Como a nova tradução na linguagem de hoje (NTLH) foi produzida segundo os preceitos da tradução por equivalência dinâmica, passaremos a enumerar algumas características presentes nela que vão ao encontro das teorias de Eugene Albert Nida. A primeira característica é o emprego de explicitações com o objetivo de deixar o texto mais claro, mais compreensível para o leitor pouco familiarizado com o contexto bíblico. Como exemplo, podemos citar I Cor 3.17:

- a) “Ora, o Senhor é Espírito”. (ACRF)
- b) “Aqui a palavra ‘Senhor’ quer dizer o Espírito”. (NTLH)

Ao compararmos as duas versões, percebemos que o revisor da versão na linguagem comum se preocupa em explicitar o que está implícito na versão mais literal. Para tanto, ele emprega a construção “quer dizer”, ou seja, esclarece o real significado da palavra “Senhor” nessa passagem, indo, assim, ao encontro do que é dito pelo teólogo Wilson Scholz: “Mas é correto dizer que a tradução coloca por extenso o que está implícito no contexto da comunicação, seguindo a orientação contida no texto”. (SCHOLZ, 2013, cap. 4)

Outra característica da nova tradução é agrupar as frases curtas e períodos longos em parágrafos e não apenas em versículos como faz a Bíblia Almeida corrigida, revisada e fiel (ACRF) e a maioria das versões bíblicas. Essa inovação torna o texto mais coeso, mais coerente, facilitando

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tando, assim, o entendimento do leitor. A título de exemplificação, veja-
mos I Cor 12.1-3:

- a) 1. A respeito dos dons espirituais, irmãos, não quero que sejais ignorantes. 2. Sabeis que quando éreis gentios, concorríeis aos ídolos mudos, conforme éreis levados. 3. Por isso vos faço conhecer que ninguém, falando pelo Espírito de Deus, diz: Jesus é anátema; ninguém pode dizer: Jesus é Senhor, senão pelo Espírito Santo. (ACRF)
- b) 1. Meus irmãos, quero que vocês saibam a verdade a respeito dos dons que o Espírito Santo dá. 2. Vocês sabem que, quando ainda eram pagãos, vocês eram desviados, de várias maneiras, para a adoração dos ídolos, os quais não têm vida. 3. Por isso precisam compreender que ninguém que diz “Que Jesus seja maldito!” pode estar falando pelo poder do Espírito de Deus. E que ninguém pode dizer “Jesus é Senhor”, a não ser que seja guiado pelo Espírito Santo. (NTLH)

Vemos, na passagem apresentada, que, embora mantenha a divisão em versículos, a versão mais atual agrupa os três primeiros versículos em um único parágrafo, deixando claro para o leitor que todo esse bloco serve de introdução para o assunto que será tratado (os dons do Espírito Santo).

Quanto à linguagem figurada, a nova tradução na linguagem de hoje procura desfazê-las, facilitando, assim, a compreensão daqueles que são incipientes no estudo do texto bíblico. Vejamos, então, como o teólogo Wilson Scholz aborda esse assunto:

No trato das metáforas e metonímias, a bíblia na linguagem de hoje, seguindo o modelo de tradução por equivalência dinâmica, se vale de recursos como a desmetaforização ou eliminação; a transmetaforização ou substituição da metáfora; e a desmetonimização ou eliminação da metonímia. (SCHOLZ. 2013, cap. 4)

Vejamos um exemplo de desmetonimização em 2 Cor 3.15:

- a) Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. (ACRF)
- b) Mesmo agora, quando eles leem a Lei de Moisés o véu ainda cobre a mente deles. (NTLH)

Ainda que o receptor conheça as figuras de linguagem e perceba que o autor está no lugar da obra, se não tiver conhecimento do contexto bíblico, ele não saberá que livro ou obra o nome “Moisés” está substituindo.

2. *Texto e comentários*

| Almeida Cor. Rev. Fiel | NTLH |
|--|--|
| <p>11 E disse: Um certo homem tinha dois filhos;</p> <p>12 E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda.</p> <p>13 E, poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente.</p> <p>14 E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.</p> <p>15 E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos.</p> <p>16 E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.</p> <p>17 E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!</p> <p>18 Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti;</p> <p>19 Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.</p> <p>20 E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.</p> <p>21 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.</p> <p>22 Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés;</p> <p>23 E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos;</p> <p>24 Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se.</p> <p>25 E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças.</p> <p>26 E, chamando um dos servos, pergun-</p> | <p>11. E Jesus disse ainda:</p> <p>— Um homem tinha dois filhos. 12. Certo dia o mais moço disse ao pai: “Pai, quero que o senhor me dê agora a minha parte da herança”.</p> <p>— E o pai repartiu os bens entre os dois. 13. Poucos dias depois, o filho mais moço juntou tudo o que era seu e partiu para um país que ficava muito longe. Ali viveu uma vida cheia de pecado e desperdiçou tudo o que tinha.</p> <p>14. — O rapaz já havia gastado tudo, quando houve uma grande fome naquele país, e ele começou a passar necessidade. 15. Então procurou um dos moradores daquela terra e pediu ajuda. Este o mandou para a sua fazenda a fim de tratar dos porcos. 16. Ali, com fome, ele tinha vontade de comer o que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava. 17. Caindo em si, ele pensou: “Quantos trabalhadores do meu pai têm comida de sobra, e eu estou aqui morrendo de fome! 18. Vou voltar para a casa do meu pai e dizer: ‘Pai, pequei contra Deus e contra o senhor. 19 e não mereço mais ser chamado de seu filho. Me aceite como um dos seus trabalhadores’”. 20 Então saiu dali e voltou para a casa do pai.</p> <p>— Quando o rapaz ainda estava longe de casa, o pai o avistou. E, com muita pena do filho, correu, e o abraçou, e beijou.</p> <p>21 E o filho disse: “Pai, pequei contra Deus e contra o senhor e não mereço mais ser chamado de seu filho!”</p> <p>22 – Mas o pai ordenou aos empregados: “Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Ponham um anel no dedo dele e sandálias nos seus pés.</p> <p>23 Também tragam e matem o bezerro gordo. Vamos começar a festejar</p> <p>24 porque este meu filho estava morto e viveu de novo; estava perdido e foi achado”.</p> <p>– E começaram a festa.</p> <p>25 – Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando ele voltou e chegou perto da casa, ouviu a música e o barulho da dança.</p> <p>26 Então chamou um empregado e perguntou: “O que é que está acontecendo?”</p> <p>27 – O empregado respondeu: “O seu irmão</p> |

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

| | |
|--|--|
| <p>tou-lhe que era aquilo. 27 E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. 28 Mas ele se indignou, e não queria entrar. 29 E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos; 30 Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. 31 E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas; 32 Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se.</p> | <p>voltou para casa vivo e com saúde. Por isso o seu pai mandou matar o bezerro gordo”. 28 – O filho mais velho ficou zangado e não quis entrar. Então o pai veio para fora e insistiu com ele para que entrasse. 29 Mas ele respondeu: “Faz tantos anos que trabalho como um escravo para o senhor e nunca desobedecei a uma ordem sua. Mesmo assim o senhor nunca me deu nem ao menos um cabrito para eu fazer uma festa com os meus amigos. 30 Porém, esse seu filho desperdiçou tudo o que era do senhor, gastando dinheiro com prostitutas. E agora ele volta, e o senhor manda matar o bezerro gordo!”. 31 – Então o pai respondeu: “Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu. 32 Mas era preciso fazer esta festa para mostrar a nossa alegria. Pois este seu irmão estava morto e viveu de novo; estava perdido e foi achado”.</p> |
|--|--|

De imediato percebemos que o texto da nova tradução na linguagem de hoje é bem mais longo que o da Bíblia Almeida corrigida, revisada e fiel (ACRF). Embora isso seja uma marca da paráfrase, a versão em estudo, segundo Vilson Scholz, não pode ser classificada como uma paráfrase, pois “restringe-se a transmitir unicamente a mensagem dos originais, sem explicar, comentar, ou atualizar a mensagem. Apenas a linguagem é atualizada, e não a mensagem”. (SCHOLZ, 2013, cap. 2)

Como qualquer outra obra, a marca estilística de um autor, assim como uma impressão digital, sempre se fará presente em sua obra. Aqui, a construção “e disse” é uma expressão bastante frequente no livro de Lucas e, muitas vezes, é empregada como marcador de transição de discurso. Essa é a razão pela qual a nova tradução na linguagem de hoje acrescenta o advérbio “ainda”, deixando claro, assim, que esse discurso era a continuidade de outro. Ao acrescentar “Jesus”, a nova tradução na linguagem de hoje tem por objetivo deixar explícito o sujeito do discurso, facilitando, assim, a compreensão daquele que a lê pela primeira vez ou que a escute fora do contexto bíblico. Em substituição ao pronome indefinido grego *tis*, “certo”, que deixa indefinido quem seja este homem, a versão portuguesa na linguagem de hoje emprega apenas o artigo indefinido, indo assim de encontro à versão mais literal, que, para indeterminar o “homem” da parábola, traduz literalmente o pronome grego.

Como dissemos na introdução, a divisão das passagens bíblicas em parágrafos é uma característica que diferencia a tradução mais atual

daquela mais conservadora, conforme podemos perceber no bloco formado do versículo onze ao versículo treze, e do versículo quatorze ao vinte.

A substituição da conjunção “e” pelo marcador de discurso “certo dia”, esclarece para o leitor que a narrativa se trata de uma parábola e não de uma pessoa real e seus dois filhos. O polissíndeto é uma constante no grego bíblico, daí a sequência, a partir do início do versículo doze até o início do versículo dezessete da conjunção aditiva *kai*. Esse tipo de construção é nomeado por Othon Moacyr Garcia como “frase de ladainha”, o qual assim a caracteriza: “...o molde dessa frase está na Bíblia, especialmente no Velho Testamento; parece ser traço da sintaxe hebraica, menos enleada em subordinação do que a grega ou latina” (GARCIA, 2011, p. 133). A nova tradução na linguagem de hoje, porém, elimina, no início desses versículos, a conjunção “e”, ora omitindo-a ora substituindo-a por construções que privilegiam o valor semântico que a conjunção aditiva carrega com ela. Já a omissão de “deles” se deve ao fato de esse tipo de construção ser considerada um pleonasma em português, sendo, por isso, desnecessário a sua inclusão na versão portuguesa na linguagem de hoje.

Quanto à substituição da segunda pessoa (tu) pelo pronome de tratamento “senhor”, Vilson Scholz assim se posiciona: “O tratamento ‘senhor’, mais respeitoso, foi usado quando se fala com Jesus, ou com pessoa mais idosa, ou de nível social mais elevado” (SCHOLZ, 2013, cap. 2). Vemos, então, que seu comentário é bastante coerente com a tradução, uma vez que o pronome além de ressaltar a autoridade paterna, enfatiza ainda o fato de ele ser mais velho.

Ainda no versículo doze, merece destaque o emprego obsoleto do vocábulo “fazenda”. Não há dúvida de que seu emprego como sinônimo de “bens” é raro na linguagem comum, uma vez que, modernamente, quando se faz referência a esta palavra, o ouvinte pensa logo em “uma grande propriedade rural” ou em algum tipo de “pau”. Assim, visando deixar o texto mais atual, o revisor da nova tradução na linguagem de hoje preferiu transformar o substantivo βίος por “herança”, indo assim ao encontro da definição de Eugene Albert Nida para este vocábulo: “... os recursos que se têm para viver — bens, propriedades, sustento”. (LOUW & NIDA, 2013, p. 499)

Como já dissemos, a tradução na linguagem comum privilegia os períodos coordenados (v. 12) (ajuntou e partiu) em oposição à Almeida Fiel, que, por zelar pela equivalência formal, mantém as orações subor-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

dinadas do grego, como acontece com a oração participial συναγαγον παντα, “ajuntando tudo”, que é substituída (NTLH) pela forma verbal simples “ajuntou”. Quanto à substituição de “terra” por “país”, acreditamos que o revisor não foi feliz na escolha deste substantivo, pois, embora ele não seja anacrônico, já que também pode ser sinônimo de “terra”, o falante e o leitor de hoje, ao ouvirem o termo “país”, pensam, de imediato, em uma “nação” ou “pátria”, nos moldes modernos, e não em uma determinada “tribo” ou “raça”, como era comum nos tempos bíblicos. Ainda neste versículo, temos um exemplo de explicitação. Assim, a construção “vivendo dissolutamente”, que apresenta certo grau de dificuldade para o leitor comum, pois o advérbio “dissolutamente”, por ser um qualificador erudito, deixa implícito o tipo de vida que o filho pródigo passou a levar, a saber, “uma vida cheia de pecado”.

Outro exemplo, no versículo quatorze, de um termo que talvez não seja obsoleto, mas que, com certeza, é pouco utilizado na linguagem coloquial é o verbo “padecer”, em “começou a padecer necessidades”. O que comprova isso é a sua substituição, na nova tradução na linguagem de hoje, pelo verbo “passar”, que, na linguagem falada do português do Brasil, está mais presente do que “padecer”, principalmente na construção “passar fome”.

Quanto aos verbos “tratar” e “apascentar”, deve-se considerar que este é uma forma erudita e, por isso, obsoleta, sendo empregada, na maioria das vezes, como uma palavra técnica, restrita ao campo religioso, no qual Deus simboliza o “pastor” e os cristãos as suas “ovelhas”. Já “tratar” é uma forma mais comum, mais popular e dela temos ainda o substantivo “tratador”, a saber, “aquele que trata de alguma coisa, especialmente de animais”. (*DICIONÁRIO Priberam*)

No versículo dezessete, encontramos aquele que trabalhava por jornada: o “jornaleiro”. Em nossos dias, porém, essa palavra, com esse sentido, já caiu em desuso, pois se falarmos hoje que alguém é jornaleiro, o ouvinte vai pensar que ele é “dono de banca de jornal” ou “alguém que entrega jornais”, daí a sua substituição, na versão mais popular, por “trabalhadores”. Ainda neste versículo, encontramos outra palavra que é quase um arcaísmo: “abundância”, substituída, na versão por equivalência dinâmica, por “de sobra”, locução mais atual e mais inteligível para o falante comum.

Além da mesóclise (v. 18) – não mais em uso no falar do português do Brasil – a frase “Levantar-me-ei, e irei” é uma construção tipi-

camente bíblica e estranha ao receptor atual, que pode vir a pensar que “o filho estava sentado e se levantou para ir embora”, quando, na verdade, a frase significa que ele vai abandonar o seu estado de penúria e voltar para a casa do pai.

Quanto à substituição, no versículo vinte e um, de “céu” por “Deus”, merece destaque o comentário de Ethelbert William Bullinger: “ouranoi, céus, é geralmente plural; um emprego que remonta ao idioma hebraico, onde a palavra é dual. Ela é sempre plural na frase 'Reino dos céus', onde 'céus' é usado por metonímia (...) no lugar de Deus”. (BULLINGER, 2013)

Percebe-se, com o comentário acima, que a nova tradução na linguagem de hoje desfez a metonímia, deixando o texto mais claro e mais autoexplicativo.

Logo no início do versículo doze, vemos que da mesma forma que o pronome “tu” foi substituído, ora por “você” ora por “senhor”, o pronome “vós” também dá lugar ao pronome “vocês”, comprovando, mais uma vez, a preocupação do tradutor em produzir uma versão que esteja de acordo com o falante do português do Brasil. A substituição de “servos” por “empregados”, parece-nos anacrônico, pois, diferentemente de “trabalhadores”, que é um termo mais genérico, “empregados” é um termo mais restrito, sendo usado para denotar vínculo empregatício, o que, com certeza, não existia naquela época. Ainda neste versículo, a construção “ponde-lhe um anel na mão” dificulta um pouco o entendimento do leitor, pois, além de possuir um verbo na segunda pessoa do plural, apresenta também uma tradução tão literal que causa, de primeira, um estranhamento no receptor ao imaginar que tipo de anel caberia em uma mão.

No versículo vinte e três, a nova tradução na linguagem de hoje emprega, no lugar de “cevado”, o determinante “gordo”. A substituição facilita e muito à leitura do texto, pois o vocábulo “cevado” tem o seu emprego restrito à linguagem rural, onde um animal é cevado algum tempo – em especial um porco – para que possa posteriormente servir de refeição.

No versículo vinte e cinco, a conjunção “e” é substituída, mais uma vez, por uma construção que não é uma mera tradução formal, mas serve para expressar a circunstância do contexto: tempo.

Embora o verbo “servir” (v. 25) também tenha o significado de “viver ou trabalhar como servo”, ele é de pouco uso em nossos dias, sen-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

do, por isso, preterido por “trabalho como um escravo” (NTLH), que, além de expressar melhor a ideia de “trabalhar muito”, ainda é corroborada por Eugene Albert Nida: “fazer com que seja como um escravo”. (LOUW & NIDA, 2013, p. 423)

3. *Considerações finais*

A nova tradução na linguagem de hoje foi, sem dúvida, um grande avanço na história da tradução bíblica. Antes dela, poucos foram os avanços nas versões bíblicas: notas de rodapé, glossários, títulos para passagens bíblicas, divisão do texto em versículos, o emprego ou não de letra maiúscula ou minúscula, principalmente em referência à divindade (Espírito {Santo}, Senhor). Com o advento da tradução por equivalência dinâmica e, como consequência, o aparecimento da nova tradução na linguagem de hoje, houve uma grande evolução no jeito de traduzir a Bíblia, pois a ênfase passou a ser a “mensagem” e a quem ela seria destinada: “o receptor”. Deste modo, a nossa análise mostrou que a ARCF dificulta e muito o entendimento do texto bíblico por parte do leitor comum, em especial pelo fato de utilizar uma tradução por equivalência formal, um vocabulário erudito e por manter idiotismos de linguagem. A tradução que a ela se opõe, como comprovamos, procura passar a mensagem para o leitor de forma simples, concisa, clara e de acordo com o contexto linguístico em que ela está inserida. Por fim, acreditamos que o assunto não está esgotado e que, com certeza, na busca de levar a Bíblia a todos os povos, os tradutores desenvolverão outras formas de tradução e, com elas, outras versões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. *Bíblia sagrada*. Almeida corrigida, revisada e fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

_____. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BULLINGER. Ethelbert William. *Figures of Speech used in the Bible*. Explained and illustrated. USA: Delmarva Publications, 2013.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO>>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

LOUW, Johannes Petrus; NIDA, Eugene Albert. *Léxico grego-português do novo testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

NIDA, Eugene Albert. *Toward a science of transating*. Netherlands: Leiden E. J. BRILL, 1964.

_____; TABER, Charles Russell. *The Theory and Practise of Translation*. Netherlands: United Bible Societies, 1982.

RODRIGUES. Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

SCHOLZ, Vilson. *40 anos de bíblia na linguagem de hoje: as grandezas de Deus em nossa própria língua*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.